

# CULTURA PROFISSIONAL

## POSSIBILIDADES DA BOMBA ATÔMICA COMO ARMA TÁTICA

De STUART ALSOP e Dr. RALPH LAPP. Publicado na revista norte-americana "Saturday, Evening Post".

Tradução do Major de Artilharia LUIZ WIEDEMANN.



Em janeiro de 1951, ao amanhecer de uma manhã de inverno, um incêndio branco azulado anunciava a adição, ao material bélico, de uma arma

completamente nova, idealizada especialmente para destruir tropas inimigas no campo de batalha.

O General L. Lawton Collins, Chefe do E. M. do Exército norte-americano, foi uma das testemunhas daquela explosão e de outras que se seguiram. Quando regressava, de avião, à Washington, ouviu-se dele esta jubilosa exclamação:

"Já o conseguimos!"

Pode a bomba tática deter o Exército vermelho? Se assim for sua descoberta marca um feito na história do mundo, e seja este ou não o sentido da expressão do Ge-

neral Collins, creio que chegou o momento de me ocupar desta nova arma, acêrca da qual tanto se ensinou e tão pouco se sabe.

Suponhamos, pois, que antes ou depois, num futuro próximo (em 1953, por exemplo, ano em que tanto o Pentágono como o Ministério do Estado, consideram que será o mais crítico), o Kremlin dê a ordem fatal e ponha em marcha os enormes Exércitos soviéticos e afins por terras da Europa Ocidental. Suponhamos, também, que as forças numericamente inferiores de Oeste decidam resistir numa linha qualquer, a do Reno, por exemplo.

Esta batalha poderá decidir o destino do mundo. Quando terminasse, o Kremlin poderia ficar dono e senhor do Continente euro-asiático e os Estados Unidos sitiados e isolados no hemisfério ocidental. Ou pode ser que, sendo retidos no

sêco os Exércitos comunistas, começasse sua desintegração e derrota, minado o seu poder pelo bombardeio atômico das cidades e fábricas russas.

Como poderia ser empregadas a nova bomba atômica no campo de batalha e influir no seu resultado?

Se o passado é um gaula para a futuro, sabemos, com bastante precisão, como intenciamos os Sovietes ganhar esta batalha decisiva. Começariam por romper as defesas ocidentais, empregando o seu movimento favorito de duplo envolvimento, tática tão antiga como a própria guerra. Tratariam de cercar o Exército ocidental e dêle fazer "picadinho", da mesma maneira que desfizeram a "Wehrmacht" em Stalingrado e após esta batalha. E para fazer isso, concentrariam, nos pontos da frente que considerassem mais fracos, das linhas ocidentais, uma tal massa de homens e canhões como jamais algum Chefe ocidental tivesse visto ser empregado contra si.

Analisemos uma destas concentrações de forças: os Chefes soviéticos escolheram uma frente de ruptura de, somente, cinco quilômetros e nela colocaram três Divisões completas das suas forças de choque, forças essas que, fanatizadas pela propaganda e forjadas pela disciplina, chegam a aceitar a morte como algo inevitável e, até mesmo, como desejável. E o papel dessas forças de choque é formar como que uma espécie de ponte de carne humana, sobre a qual possa se dar o assalto decisivo, para completar a ruptura.

Antes que as tropas de choque iniciem a sua investida, dezessete Regimentos de Artilharia e onze Batalhões de Morteiros, concentrados numa zona que se estende oito quilômetros, à retaguarda, da frente de cinco, empregam toda a sua potência de fogo sobre as linhas ocidentais; nesta mesma zona existem também quatro Divisões de Infantaria, destinados a passar sobre "a ponte de carne humana" formada pelas tropas de choque e para abrirem na frente uma brecha, através da qual se lançarão as

colunas encouraçadas para a exploração do êxito. No total, terão concentrados um mínimo de 110.000 homens, ou seja um Exército numa zona de somente 40 quilômetros quadrados.

Isto não é fantasia. É um relato fiel do desenvolvimento de forças, na zona de ruptura de uma das primeiras ofensivas da 2ª Guerra Mundial: a batalha do lago Ladoga, em 1943. E não foi um caso excepcional. O "tipo Ladoga" é considerado como um exemplo típico da técnica da ruptura soviética. Uma ou outra vez, este modelo (concentração — carnificina — ruptura — exploração) foi empregado contra os alemães e sempre quase exatamente do mesmo modo. Atualmente é o evangelho não só na Rússia como também nos países satélites. Mesmo os chineses empregam uma tática de concentração muito parecida, contra as forças O.N.U., na Coreia.

Suponhamos, agora, que o General em Chefe ocidental, ao descobrir esta enorme concentração, pedisse o emprêgo de bombas atômicas contra ela. No momento preciso em que a primeira onda de assalto inicia o seu avanço, fazem-se reventar três bombas atômicas de potência semelhante às de Hiroshima e Nagasaki, nos vértices de um triângulo imaginário e dentro da citada zona de 40 quilômetros quadrados, na qual se acha concentrada a força soviética.

Então, durante uns dois minutos, se estenderia sobre o campo de batalha uma obscuridade artificial produzida pela interposição entre a terra e o sol de três nuvens com forma de seta. Quando se dissipar, aparecerá uma cena horrorosa.

Junto aos "ponto zero" (vértices do triângulo imaginário sobre os quais explodiram as bombas atômicas) não restará, é de supor, nenhuma vida; só haverá pedaços retorcidos e queimados, armas e cadáveres. A uma distância maior, a explosão das três bombas terá semeado o terreno com restos de homens e máquinas. Milhares de soldados, inclusive os situados a mais de 1.600 metros dos "ponto

zero", sofrerão queimaduras infligidas pela grande bola de fogo atômico. Milhares mais parecerão, à primeira vista, estarem ileso e deslumbrados; serão os "mortos ambulantes", os que, sem a saber, receberam uma dose radioativa fatal.

O panorama, será pois, horrível. Mas, a guerra, por si só, é também horrível e as potências ocidentais não têm a menor intenção de provocá-la. Pelos seguros dados estatísticos, entre 40.000 a 50.000 homens, dos 110.000, terão morrido, segundo cálculos meticulosos; outros 20.000 ficarão feridos. Ou seja, que num abrir e fechar de olhos, mais da metade dos efetivos concentrados para a ruptura terão deixado de existir como soldados. trada no desenvolvimento de asilo

Uma força dessa classe concentrada no desenvolvimento de assalto prescrito pelos textos soviéticos, não poderia de maneira alguma atacar, após receber tão terrível castigo. Isto significa simplesmente que, se o Kremlin decidir apelar para a guerra, as bombas atômicas poderão ser empregadas taticamente, para impedir a enorme concentração de homens e armas que constitui a alma da doutrina soviética ou para destruí-la, se chegar a se constituir. Mas existe um certo número de condições prévias.

Para se compreender quais sejam, terá que ser compreendido, primeiro, o que faz uma bomba atômica e o que não faz o homem no campo de batalha. É uma arma tríplice, pois produz três efeitos que passaremos a analisar:

Primeiramente queima, uma vez que a explosão origina uma espécie de sol em miniatura sobre o campo de batalha. Esta bola de fogo infernal, produzida por uma esfera reluzente de urânio 235, do tamanho de um pelotão, é mais ardente que qualquer coisa que se conheça. Tão fantástico calor dura muito pouco tempo, porém o angustiante incêndio da bola de fogo causará, provavelmente, no campo de batalha, mais baixas que qualquer outro efeito de bomba.

Que um soldado baixe ou não, por causa do calor, dependerá da distância que se encontre da bomba no momento da explosão e da maneira como esteja vestido. Um homem nu da cintura para cima e ao ar livre (traje pouco provável, no campo de batalha), teria que baixar, certamente, à um hospital, por queimaduras ainda que se achasse a 2.500 metros de um "ponto zero"; porém um homem bem protegido pelo seu vestuário e seu capacete poderia não ficar seriamente ferido pelas labaredas, ainda que estivesse somente a 1.250 metros de um "ponto zero" e ao ar livre. Geralmente, os projetistas militares admitem o valor de que um calor de dez calorias, por centímetro quadrado de pele nua, origina queimaduras de terceiro grau e, em consequência, baixas. A bola de fogo de uma bomba atômica tática causará estas queimaduras até 1.800 metros, na maioria dos casos.

O segundo efeito da bomba atômica é a sua radiação penetrante: uma descarga de raios gama (parecidos com os raios X) que dura dez segundos. O raio letal da radiação penetrante pode ser calculado com uma precisão matemática. Um homem desprotegido receberá uma dose mortal se estiver a menos de 1.650 metros da distância e sobreviverá, se encontrar-se mais distante.

O terceiro efeito é o da onda explosiva, perigosíssima quando a bomba for empregada contra zonas edificadas. A onda explosiva derruba os edifícios a uma distância de 2.500 metros de um "ponto zero", e os edifícios, ao caírem, esmagarão as pessoas. Em campo aberto, a onda explosiva não será tão mortífera, em parte, pela ausência normal de edifícios, e por outro lado, porque o corpo humano é, sob alguns aspectos, muito difícil de destruir. Derruba-se uma casa, aplicando-se uma pressão de 02, quilogramas por centímetro quadrado, sobre suas paredes; o corpo humano, de aparência tão frágil, pode suportar uma pressão dezoito vezes maior. Os técnicos

militares crêm que todo o soldado que tenha de suportar uma pressão mortal de onda explosiva, terá, seguramente, já morrido antes, devido a queimaduras ou radiação.

Não obstante, no campo de batalha, ter-se-á que contar também com as baixas causadas pela onda explosiva. As rochas, árvores, veículos e armas projetadas por ela converter-se-ão em projéteis perigosos. Segundo os técnicos militares, este efeito indireto causará muitas baixas, se bem que seu número e a distância dos "ponto zero" em que se produzam não possam, nem remotamente, ser calculadas.

Após estimar estes três efeitos da bomba atômica, os técnicos aceitaram a regra de que a bomba atômica tática causará mortos e feridos, em uma zona do campo de batalha de um raio de ação de 1.650 metros, com seu centro no "ponto zero". Mas, a bomba atômica é uma arma sujeita a muitas limitações, cujas principais passaremos a expor.

Primeiramente, o raio de 2.300 metros que assinalamos como perigoso, em consequência do calor, só é verdadeiro em campo límpido. É estranho, porém certo, que algo tão familiar como o tempo, possa condicionar o grau de perigo da misteriosa bomba atômica. Em tempo nebuloso e úmido, o raio de ação citado fica reduzido à metade, o que é um detalhe importante porque, freqüentemente, um Exército escolhe essa espécie de tempo para lançar uma ofensiva.

Em segundo lugar, é muito difícil julgar, com precisão, quais os efeitos imediatos prováveis que terá a radiatividade no campo de batalha. Uma dose radioativa letal é tão definitiva como uma bala no coração, porém não tão rápida em seus efeitos. Durante algum tempo, quem o recebeu sente certo mal-estar e podem passar algumas horas que se apresentem os sintomas de vômito e diarreia, precursores da morte.

O fato de que a radiação penetrante, ainda que inexorável, é lenta, deve ser levado em conside-

ração, ao se calcular a eficácia da bomba atômica como arma tática.

Durante a 2ª Guerra Mundial, o soldado russo (contrariamente do que ocorreu com o norte-americano) ganhou a reputação de ser um cavador fanático. E cavar, cavar profundamente, é vitalmente importante quando a bomba atômica espregueia. A relação entre a profundidade de uma sapa de atirador ou trincheira e a segurança do soldado é um problema complicado; mas, sem entrar em cálculos geométricos e de resistência do terreno à radioatividade, pode-se dizer que uma sapa de atirador de 0,80 x 0,90 x 1,80 metros (a última dimensão é a de profundidade), ou seja a regulamentar no Exército norte-americano protegerá um homem agachado no seu fundo, inclusive no caso em que o "ponto zero" de uma bomba atômica se encontre, somente, a 600 metros dele. A onda explosiva passará simplesmente sobre ele, achar-se-ia completamente protegido contra o incêndio e o terreno filtraria por completo os raios gama. Resumindo-se, estaria a salvo dos três efeitos da bomba.

A diferença que se pode supor, do terreno para o soldado, pode ser demonstrada, recordando-se o cálculo de baixas causado por um ataque "modelo Ladoga". Suponhamos que a metade das forças de choque das três Divisões de vanguarda e um terço das forças mais à retaguarda ficariam completa ou parcialmente protegidas, se se encontrassem devidamente entrincheiradas. Isto supondo-se uma proteção maior que a esperada normalmente, em uma força que se vai lançar num ataque por surpresa. Como já vimos, três bombas lançadas contra uma concentração dessa classe causariam entre 60 a 70.000 baixas, ou seja mais da metade de toda a tropa. Mas, se supusermos que todos esses homens estivessem agachados em trincheiras de 1,80 metros de profundidade, no momento do ataque, o cálculo das baixas desceria até 10.000.

Em virtude disto, os técnicos do Exército adotaram esta outra "regra": A "zona mortal" se reduz a 0,64 quilômetros quadrados, se todas as tropas atacantes estiverem bem entincheladas; se estiverem na superfície, a "zona mortal" seria de 3,2 quilômetros quadrados. Em outras palavras, a bomba é cinco vezes mais perigosa, quando os soldados que sofreram os seus efeitos, não estiverem entinchelados.

Esta regra é muito importante. A defesa moderna exige posições escavadas numa primeira linha dispersa e uma força móvel de reserva, escalonada em profundidade. Assim sendo, a força defensora está, pelo menos relativamente, protegida contra a bomba atômica. Mas, um Exército não pode partir para a ofensiva enterrando-se; o atacante deve concentrar efetivos para romper uma forte linha defensiva, e para avançar esses efetivos, deve estar na superfície.

Se a guerra chegar, não será o Exército do Pacto do Atlântico e que atacará na Europa; será o Exército vermelho. Esta é a razão pela qual, apesar das limitações assinaladas, a bomba atômica táctica poderá ser imensamente útil para a defesa do Oeste, se... E chegamos a outro se muito importante.

Contra várias centenas de Divisões soviéticas e satélites, três bombas atômicas equivaleriam a outras tantas alfinetadas. O mesmo ocorreria se fossem dez ou cinquenta...

As bombas atômicas tácticas poderão contribuir decisivamente para a defesa do Oeste somente no caso que possam ser empregadas contra os agressores comunistas em grande quantidade. E se a guerra chegasse, disporíamos de um número suficiente destas bombas de modo que seu emprego fosse decisivo?

A resposta a esta pergunta não nos dão, em parte, as provas atômicas que recentemente se realizaram no deserto do Nevada e que tanto impressionaram o General Collins. Estas provas tiveram uma

importância histórica sob vários aspectos, já que demonstraram que é possível obter maiores resultados, empregando-se mais urânio; isto quer dizer que se valorizaram mais as nossas reservas desta inapreciável matéria-prima. Mesmo que não seja discreto detalhar em particular, podemos dizer que o resultado nítido foi duplicar (e talvez mais que duplicar) nosso potencial atômico.

O que significa, simplesmente, que a aviação estratégica norte-americana dispõe, agora, de bombas atômicas suficientes. "Suficientes" é uma palavra, freqüentemente, enganadora; mas, neste caso, seu significado é bastante preciso. Temos mais bombas que bombardeiros e poderemos dar à nossa aviação estratégica todas as bombas atômicas de que ela seja capaz de levar, para pulverizar as cidades e centros industriais inimigos e isto levando-se em conta o nosso atual programa de expansão da referida aviação.

Não é nosso objetivo, aqui, analisar as vantagens militares, nem as conseqüências morais do bombardeio estratégico. Basta-nos dizer que ninguém, nem o mais exaltado adepto do bombardeio com grande raio de ação, acredita que uma guerra possa ser ganha, exclusivamente, com ela. Se a guerra vier, teremos que deter, de alguma maneira e em algum lugar, o Exército vermelho; nesta ocasião será que a bomba atômica táctica intervirá.

Segundo cálculos bem seguros, em 1953 será bem possível dedicar um mínimo de 800 bombas para seu emprego táctico, dentro das seis primeiras semanas de guerra. Isto além das que forem designadas para o bombardeio estratégico. Passadas as seis primeiras semanas, o ritmo de emprego táctico das bombas atômicas provavelmente teria que diminuir, mas seria possível empregar, em média, umas 50, semanalmente. O que significa que, no período árido de uma batalha decisiva, as bombas atômicas poderão ser empregadas não aos pares ou grupos de três, mas

sim por atacado. Durante o mesmo período, no mais, a menos que as estimativas do nosso Serviço de Informações sejam inexatas, os Sovietes dispõem de pequena quantidade dessas bombas (se é que dispõem de alguma) para seu emprego no campo de batalha. Esta superioridade atômica poderia ser a chave, para se conseguir a derrota do Exército vermelho se... e aqui esbarramos novamente no se.

As bombas atômicas táticas, como quaisquer outras, só podem ser eficazmente empregadas se jogada a bomba adequada, no momento preciso, sobre o local conveniente. Seria pouco indicado empregar-se a bomba atômica de 100.000 toneladas contra a maior parte dos objetivos táticos. Esta bomba, que foi experimentada em Eniwetok, na primavera de 1951, desenvolve uma potência de 100.000Tn. de TNT e quase pode reduzir a escombros qualquer cidade do mundo. Empregada numa situação tática, teria desperdiçado a maior parte da sua potência.

Em algumas situações táticas em que exista uma concentração muito densa e desdobrada, por exemplo, numa cabeça de praia, para um desembarque naval, poderão ser empregadas, sem dúvida, bombas extremamente potentes. Mas, para outros fins, bastarão pequenas bombas atômicas de cinco mil toneladas, digamos, as táticas experimentadas em Nevada. Mas, normalmente, as bombas atômicas táticas, que se empregam, serão as de 20 mil toneladas, equivalentes a 20.000 Tn. de TNT. Essas terão a mesma potência que as que foram empregadas em Hiroshima e Nagasaki, ainda que, como resultado das experiências de Nevada, possuirão mais urânio e serão de um tamanho muito menor.

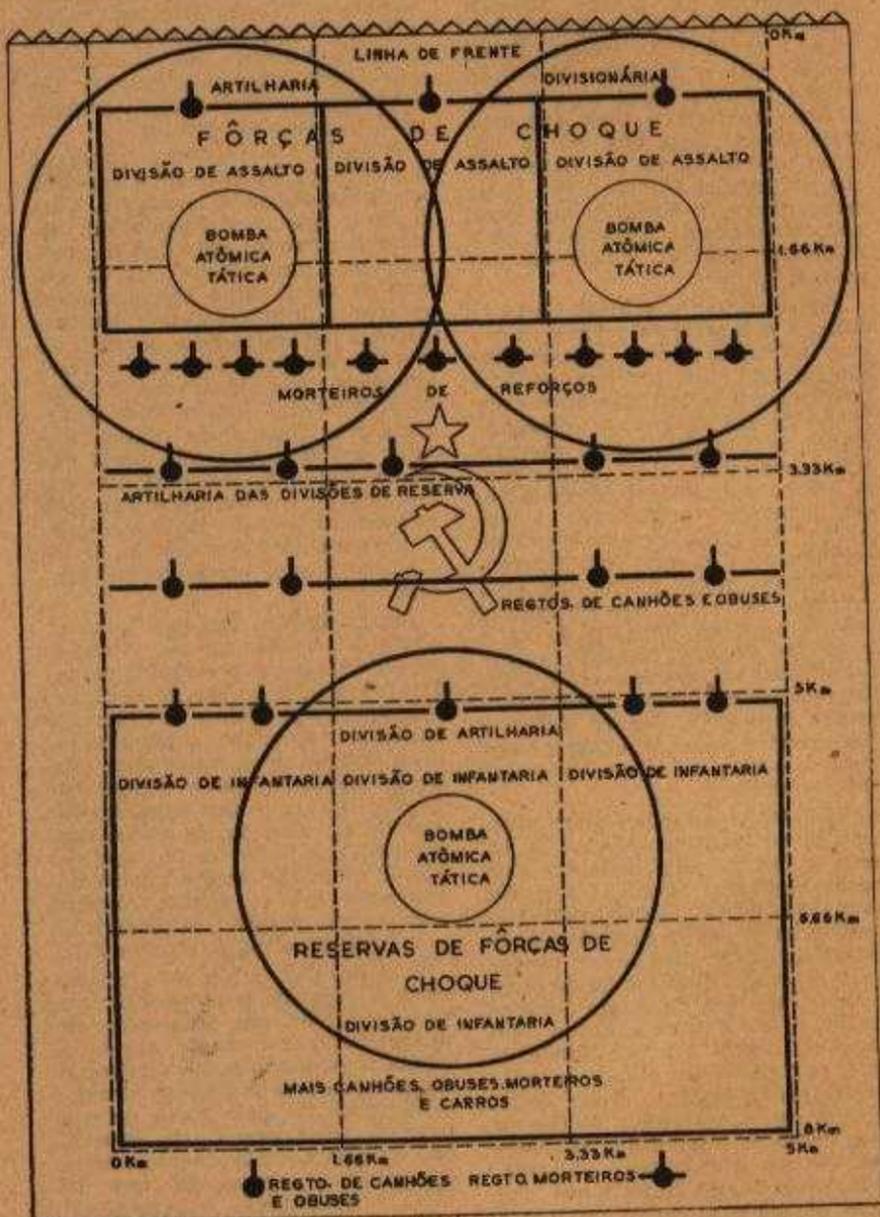
O tamanho material das bombas tem, como é de supor, muita importância, porque dele depende, em grande parte, o que possa ser lançado "no momento preciso sobre o local conveniente". Até agora, somente os bombardeiros B-29 podiam levar uma bomba atômica; após as experiências de

Nevada, será possível transportar "pequenas" bombas atômicas em aviões pequenos, bem como adaptá-las a projetis relativamente leves. Eventualmente, deverá ser possível desenhar canhões especiais, capazes de lançar armas atômicas contra o inimigo.

Nossa aviação está, agora, de acordo em que as bombas podem ser empregadas no âmbito indefinido que existe entre o emprego estratégico e o tático; queremos dizer, contra os abastecimentos e vias de comunicação situadas muito atrás da frente. Mesmo não correspondendo ao alcance deste trabalho, diremos que o emprego da bomba atômica para "isolar o campo de batalha" é importantíssimo e que será empregada com este objetivo, em caso de guerra. Porém, só muito recentemente e com bastante má vontade, é que alguns dos projetadores mais notáveis da aviação, reconheceram que o emprego da bomba contra as tropas de frente, no momento crítico de uma batalha cruenta, pode ser decisivo e tem muitas razões para pedir meios de lançamento próprios.

A Aviação nunca foi tão precisa em seus bombardeios como os aviadores querem crer. O General Bradley, descrevendo a batalha de Saint-Lô, recorda o modo um tanto descuidado que a nossa aviação teve durante a 2ª Guerra Mundial, soltando bombas sobre as nossas próprias forças. Se já é desagradável ser bombardeado, com alto explosivo, pela própria Aviação, seria bem pior que esta descuidando-se, jogasse umas quantas bombas atômicas sobre suas próprias forças terrestres. Torna-se evidente que é absolutamente necessário uma precisão absoluta, nas situações em que as bombas atômicas tenham que ser empregadas, em áreas de eficácia perigosamente próximas de nossas tropas.

Além disso, como o Exército argumenta, a aviação torna-se quase inútil com o mau tempo, como ocorreu na primeira fase da batalha das Ardenas. E, precisamente, durante o mau tempo é



quando se necessitará, mais desesperadamente, a bomba atômica para desfazer as concentrações inimigas. O Exército insiste, finalmente, que o emprêgo tático da bomba atômica exige uma sincronização perfeita e uma execução instantânea, uma vez que a decisão corresponderá, em alguns casos, ao escalão Divisão. Por tôdas essas razões, o Exército age bem, ao pedir meios de lançamento, para a bomba atômica, diferentes dos aviões.

Seria, por certo, o ideal, uma artilharia que pudesse colocar as armas atômicas a uma grande distância, com uma margem de erro praticamente nulo. Mas, apesar das fantasias dos dinâmicos propagandistas do Exército, isto é somente uma aspiração dos artilheiros. A bomba atômica foi reduzida em seu tamanho, porém seu mecanismo é, ainda, excessivamente complicado e o mortífero artefato é, todavia, muito maior que uma granada de mão, suponhamos o caso, e que um projétil de artilharia de 75 mm. Quando, eventualmente, se aperfeiçoar a artilharia atômica (como indubitavelmente sucederá), tomará a forma das grandes peças semelhantes aos obuses, e se pode dizer, de trajetória elevada.

No entanto, a melhor alternativa prática ao lançamento, com avião, será a dos projéteis dirigidos com carga explosiva atômica. Por sua própria natureza, êsses projéteis não podem ter a mesma precisão da artilharia, porém têm duas vantagens enormes. Lançam-se da terra a terra, em vez de serem jogados do ar, e isto é uma garantia bem razoável contra a possibilidade de que, por descuido, atinga as próprias tropas amigas. Além disso, podem ser empregados quaisquer que sejam as circunstâncias meteorológicas. Atualmente, portanto, o Exército dedica-se mais aos projéteis dirigidos atômicos do que à artilharia da mesma espécie.

Teóricamente existem processos de emprêgo da arma em que não influi a questão do lançamento. Falou-se e escreveu-se muito em

tôrno do estabelecimento de uma espécie de "Linha Miginot" radiativa para impedir o avanço de um Exército adverso, assim como do estabelecimento, na Coréia, de um "corredor exterminador" intransponível pelos comunistas.

A idéia é tentadora, porque dá a esperança de impedir a agressão sem necessidade de combater. Certamente que se fôsse possível instalar o corredor sem que morressem os "instaladores" (uma vez que os raios gama não distinguem amigos e inimigos), teóricamente poderia ser estendidos através da Europa um corredor com os subprodutos radioativos das instalações atômicas norte-americanas. Ou talvez fôsse mais prático instalar sob o solo, numa linha que barrasse a zona vital, o número necessário de bombas atômicas para radioativar a linha de interdição; à primeira vista êste sistema de interdição parece mágicamente simples.

Mas, o sistema tem um "porém", que é o elemento tempo. A radioatividade desaparece rapidamente. Em breve se levarão a cabo provas referentes aos efeitos precisos das explosões atômicas subterrâneas; mas, antes que as mesmas se realizem, qualquer físico competente pode provar que um homem pode atravessar, sem sofrer dano, uma zona em que tenha havido uma explosão atômica, vinte e quatro horas após esta explosão, somente com a condição de não levar mais que uma hora para atravessá-la.

Tão limitado efeito não justificaria o gasto de bombas atômicas, exceto, talvez, em momentos desesperados, por exemplo, numa retirada semelhante à de Dunkerque. Os projetadores militares, atraídos principalmente pela idéia de utilizar os raios gama para interdição de zonas, estão unanimemente convencidos, agora, de que tal idéia é uma ilusão, e uma ilusão perigosa.

Estão convencidos, efetivamente, de que exceto em situações muito especiais, a bomba atômica poderá ser empregada eficazmente contra tropas, somente fazendo-a reben-

tar no ar, sobre concentrações muito densas. Também estão convencidos de que, sendo assim empregada, em grandes quantidades, pode ser decisiva em batalhas cruéis. E chegamos ao terceiro se.

Poderá ter o Oeste meios para forçar aos Chefes Comunistas a concentrarem suas tropas, muito compactamente, no "modelo Ladoga"? Se não os tiverem, toda a perspectiva de empregar a bomba atômica como arma tática peca pela sua base, porque mais que o entrincheiramento, a dispersão é a "arma secreta" das forças terrestres contra a bomba atômica.

Durante a 2ª Guerra Mundial, não era raro que uma Divisão norte-americana, sozinha, ocupasse uma zona de 128 quilômetros quadrados (8 quilômetros de frente e 16 de profundidade). Uma bomba atômica que fosse empregada contra uma Divisão assim dispersa só causaria algumas centenas de baixas, o que, sob o ponto de vista estritamente bélico, seria desperdiçada-la.

Chegando a este ponto, o leitor perspicaz poderia nos fazer a seguinte pergunta: "Se a dispersão é a arma secreta contra a bomba atômica, porque os dirigentes soviéticos não poderão rever sua doutrina tática e manterem suas tropas disseminadas"?

Existem várias respostas a esta pergunta, porém a mais convincente é esta: Se os dirigentes militares soviéticos abandonassem a sua doutrina tática de concentrações esmagadoras, isto constituiria, por si só, uma vitória importante para o Oeste, já que a imensidade das reservas demográficas soviéticas, que permitem aos Chefes militares concentrar e empregar as suas forças, sem levar em consideração as perdas, é atualmente a sua maior vantagem.

Há uma situação, certamente, que permitiria aos Generais soviéticos dispersar as suas tropas de tal maneira, que, praticamente, tornar-se-iam invulneráveis ao ataque atômico. Por que as tropas podem se desenvolver bem disseminadas e, no entanto, avançarem

mulo rapidamente quando as forças inimigas sejam fracas ou estejam tão desmoralizadas que sejam incapazes de oferecer uma resistência séria. Exemplo desta sorte foram o avanço alemão, após a ruptura em Sedan e o norte-americano, depois de Saint-Lô. Ao contrário, quando se esbarra com uma grande resistência, precisa-se de grandes concentrações em efetivos e armas para vencê-la.

A lição é clara. O que a bomba não poderá fazer é nos proporcionar os meios para conseguir uma vitória fácil e sem baixas. Durante a grande e triste história da guerra, o infante teve que lutar contra toda a espécie de meios, desde os elefantes até as espolétas de aproximação e sempre continuou a Infanteria senda a rainha da batalha. A luta entre o infante e a bomba atômica parece extremamente desigual... mas a infantaria continuará a ser a rainha. A bomba atômica tática poderá ser empregada para defender o Oeste, somente quando existir no Oeste uma defesa terrestre sólida e poderosa.

Se essa força defensiva não existir (e hoje não existe), nem com mil bombas atômicas se poderia impedir que os grandes Exércitos comunistas chegassem até o Atlântico e isolem nas Américas os Estados Unidos. Além disso, a bomba atômica tática não pode, por si só, cobrir a diferença existente entre centenas de Divisões russas e de seus satélites que o Kremlin poderá mobilizar, em caso de guerra e as 50 ou 60 que o General Eisenhower pensa ter no momento crítico. Para começar a reduzir esta diferença, as forças ocidentais terão que ser extraordinariamente móveis, dispor de comunicações soberbas, contar com a superlicridade aérea e uma potência de fogo formidável.

No entanto, como já foi dito anteriormente, também poder-se-á dizer que o emprego das bombas atômicas táticas, em grandes quantidade, por parte dos ocidentais, pode representar a diferença entre a vitória e a derrota. É verdadeiro,

como se supõe, que os soviéticos têm bombas atômicas que poderiam empregar taticamente, inclusive se a guerra se desencadeasse amanhã; mas, por enquanto, e durante muito tempo, o Kremlin não poderá consagrar ao emprego tático um número importante de bombas senão sujeitando-se a debilitar-se e tornar-se ineficaz quanto ao bombardeio estratégico.

É bem verdade que chegará o momento (mesmo que não seja em alguns anos) que os generais soviéticos disporão de Unidades de armas atômicas no escalão Exército e até, possivelmente, nas Divisões. Não é nosso propósito ocuparmos-nos aqui desta possibilidade. Porém, os técnicos acreditam que, mesmo quando chegue este momento, a vantagem continuará sendo dos ocidentais, porque então a dispersão será a chave para a sobrevivência dos Exército, enquanto que o velho "princípio de concentrações" e de superioridade numérica tornar-se-á antiquado, em algo pelo menos. A dispersão exige mobilidade e linhas de comunicações que, por seu lado, exigem máquinas. De maneira que a principal vantagem dos Soviéticos (uma indisputável superioridade em efetivos) ficará anulada pela superioridade industrial dos ocidentais.

Mas, tudo isso, são especulações sobre problemas muito longínquos. O que importa, num futuro próximo, é que tenhamos uma formidável superioridade em nossa reserva estratégica de bombas atômicas e o monopólio, ou pouco me-

nos, das táticas. Esta reserva estratégica nos será um alívio. Se a aproveitarmos para organizar, urgentemente, as forças terrestres de tal maneira que não deixe aos Generais soviéticos outra alternativa que a de concentrarem suas tropas no "modelo Ladoga", as bombas atômicas táticas podem nos proporcionar, no momento decisivo, a margem para a vitória de que precisamos.

Porque, então, se a guerra chegar, os Exércitos atacantes comunistas serão detidos por uma sólida muralha defensiva e obrigados a se entrincheirarem. Quando isso suceder, as bombas atômicas poderão ser empregadas para aniquilarem as concentrações inimigas da frente e isolar os Exércitos atacantes de suas bases. No entanto, os ataques estratégicos à União Soviética poderão sangrar seu potencial de guerra, como se sangra um corpo, quando no mesmo se produz um corte arterial. Chegado este momento, o Exército soviético ficará debilitado lenta, mas seguramente, e perecerá.

Resumindo: a bomba atômica tática não poderá, sozinha, deter o Exército vermelho; porém, unida a uma defesa terrestre bem forte e com o bombardeio estratégico do potencial de guerra soviético, poderá tornar impossível a vitória comunista. E, precisamente, porque os "homens do Kremlin" não se atreverão a iniciar uma guerra que não lhes ofereça esperanças de vitória, a bomba atômica tática nos dá uma grande esperança de evitar a mais terrível de todas as guerras.

